

## ASSOCIATIVISMO E ECONOMIA SOLIDÁRIA NA PRODUÇÃO DE ACEROLA NO MUNICÍPIO DE JUNQUEIRÓPOLIS - SP.

### Princípios de Economia Solidária

**César Gomes de Freitas**, Mestrando em Desenvolvimento Local, Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, Brasil ([cgfreitas@cesd.br](mailto:cgfreitas@cesd.br))

**Olivier François Vilpoux**, Professor do Mestrado em Desenvolvimento Local, Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, Brasil ([vilpoux@ucdb.br](mailto:vilpoux@ucdb.br))

### Resumo

*O artigo aborda a questão do associativismo e da economia solidária como ferramenta de desenvolvimento local. A pesquisa avalia o associativismo na produção agrícola de acerola, no Município de Junqueirópolis, Estado de São Paulo. A primeira parte do trabalho apresenta uma discussão conceitual acerca das dimensões da economia solidária. Em seguida é apresentada a Associação Agrícola de Junqueirópolis, que agrupa os produtores de acerola do município. O funcionamento dessa Associação é descrito, focalizando os princípios de economia solidária adotados. A análise identifica como a Associação, através dos princípios de economia solidária, conseguiu reverter a crise do setor no município e frear o êxodo rural, oferecendo uma renda média de R\$1700,00 para seus associados.*

**Palavras-chave:** Associativismo; Economia Solidária; Associação Agrícola; Desenvolvimento Local.

### 1. Considerações Iniciais

O município de Junqueirópolis, interior do Estado de São Paulo, distante seiscentos e quarenta quilômetros da capital, caracteriza-se pela presença de cerca de mil e trezentas propriedades rurais, das quais oitocentas e quarenta e duas, ou seja, setenta por cento possuem até vinte hectares.

Em função da decadência da cultura do café no final da década de 1980 devido ao surgimento de nematóides, geadas, plantas com idade avançadas e baixos preços do produto, os produtores viram a necessidade de diversificar suas propriedades para poder se manter na atividade agrícola. Devido ao crescimento do desemprego na cidade e conseqüente precarização das relações de trabalho, muitos

produtores relutavam em deixar o campo, apesar das dificuldades que estavam enfrentando.

O crescimento do desemprego e a precarização das relações de trabalho que existe nos países ocidentais gera uma massa de trabalhadores despreparados, desprotegidos pelo Estado e excluídos do mercado de trabalho tradicional. Essa exclusão obriga os trabalhadores a desenvolver alternativas diversas para sobreviver. Alguns encontram o crime como resposta, outros disputam pelas formas mais bárbaras de competição os restos deixados pelo mercado, enquanto alguns escolhem se unir pela solidariedade (OLIVEIRA, 2005).

O município de Junqueirópolis sofria no início da década de 1990 as conseqüências de um grande êxodo rural, por não haver nenhuma cultura que viabilizasse a permanência das famílias em suas propriedades rurais. Entre o final da década de 1970 e o início da década de 1990 a população do município caiu de vinte e cinco para dezessete mil habitantes. Por influência do então pároco local, o espanhol Miguel Juan Antoni Gramuntell, os proprietários remanescentes resolveram unir suas forças em busca de alternativas para sobrevivência e subsistência criando uma associação.

O trabalho apresentado nesta publicação tem por objetivo discutir a importância da economia solidária descrevendo e discutindo as conquistas da Associação Agrícola de Junqueirópolis. A primeira parte é dedicada à discussão teórica dos conceitos de economia solidária, por meio da revisão de literatura sobre o tema. A seguir é apresentada a Associação Agrícola de Junqueirópolis, procurando, ao final, analisar as atividades do grupo, como suas conquistas e sua sustentabilidade no médio e longo prazo, em relação aos princípios da economia solidária.

## **2. Economia Solidária**

Atualmente, utilizam-se indiscriminadamente diferentes termos e definições como economia social, economia solidária, economia popular, economia informal, economia paralela, movimento alternativo, terceiro setor, dentre outros, para designar uma gama de movimentos e organizações coletivas de produção, de trabalho, de crédito, de habitação, de consumo, etc. (OLIVEIRA, 2005).

A terminologia mais utilizada é a “economia solidária” que, seguindo a tendência europeia, surge no contexto atual de crise do trabalho e especialmente do emprego. Trata-se não de um conceito fechado, mas de uma noção aberta, pois se pauta pela distribuição, ao invés da restrita acumulação de lucro. É, portanto, uma economia pensada e organizada em outros termos, tendo como grande valor a cooperação, não a competição (OLIVEIRA, 2005).

A Economia Solidária, seja por meio de associações, cooperativas ou atividades solidárias ganha cada vez mais espaço no Brasil. Um novo solidarismo popular expressa-se na prática e no ideário de um número crescente de empreendimentos econômicos, levados à frente por trabalhadores premiados pela falta de alternativas de subsistência ou motivados por suas convicções. Esses empreendimentos se organizam das mais diversas formas, em associações informais ou grupos comunitários de produção, cooperativa e pequenas empresas (GAIGER, 2004).

O termo Economia Solidária serve para denominar o conjunto de empreendimentos e organizações que buscam coletivamente a produção de bens e serviços essenciais à sua sobrevivência, agregando os princípios essenciais do cooperativismo formulados em 1844, como a relação um membro/um voto, independentemente do capital investido; autonomia de gestão com relação tanto ao poder público, como ao capital privado; prioridade ao trabalho e às pessoas e não ao capital; necessidade de discussão coletiva dos critérios relativos à remuneração e a propriedade coletiva do empreendimento (OLIVEIRA, 2005).

No Brasil, o termo Economia Solidária destacou-se principalmente com os trabalhos do economista Paul Singer, entre outros autores. Formada por diversas unidades que desenvolvem atividades econômicas e criam redes em expansão, a Economia Solidária é constituída, segundo Singer *apud* Ferreira (2005), por empreendimentos formais e informais, caracterizados pela autogestão e pela socialização dos meios de produção e distribuição. Suas unidades básicas são cooperativas de produção, de consumo, de comercialização, de crédito, etc., onde não há separação entre capital e trabalho. Os empreendedores da Economia Solidária se diferenciam, desse modo, na sua forma organizacional. Seguindo os princípios da autogestão e de cooperação, o capital da empresa, em especial os meios de produção, são propriedades dos próprios trabalhadores, que gerenciam e

administram o empreendimento com democracia e igualdade de direitos na tomada de decisão (FERREIRA, 2005).

A Economia Solidária surge no espaço intermediário entre Estado, mercado e setor informal, através das famílias, comunidades e redes que exercem um papel político e social, não apenas econômico (OLIVEIRA, 2005). Ela é considerada um passo concreto, indispensável para dar credibilidade e gerar intensa adesão social aos propósitos de uma nova arquitetura mundial, prova necessária para evitar apenas o oferecimento de uma ideologia mistificadora, de alternativas inaplicáveis (GAIGER, 2004).

O que ganha importância nesse caso é a capacidade de coordenação dos atores sociais diante das alterações no interior do sistema produtivo, ressaltando o papel da governança na economia política local (POCHMANN, 2004). Segundo o autor, tudo isso não deve se encontrar deslocado do contexto macroeconômico nacional que exerce importante determinação sobre as possibilidades do avanço ou retrocesso do desenvolvimento local ou regional.

A população demanda cada vez mais atenção, especialmente nos municípios menores do interior, exige mais qualidade, está cada vez mais esclarecida quanto aos seus direitos e quer que os produtos e serviços sejam adequados às suas necessidades. O espaço para ‘pacotes prontos’ está cada vez menor (BROSE, 2000).

O quadro atual da economia mundial tem apontado nos sentidos de três grandes vetores: no plano econômico, a globalização e a conseqüente competição internacional; no plano social, a regionalização, até como resposta aos efeitos da globalização econômica que obriga os países a reduzirem seus custos e “saírem” do assistencialismo e, por fim, no plano político, a descentralização, pois cada região necessita de flexibilidade para arranjar seus fatores e tornar-se competitiva (CASSAROTO FILHO, 2001).

Hoje o governo brasileiro conta, entre suas secretarias, com a Secretaria Nacional de Economia Solidária (SENAES) iniciada em 2004, a qual tem como órgão o Sistema Nacional de Informações em Economia Solidária (SIES). No âmbito do SIES, de acordo com seu Termo de Referência, compõem os principais atributos da economia solidária (SÁ, 2005):

- a) **Cooperação:** existência de interesses e objetivos comuns, a união dos esforços e capacidades, a propriedade coletiva de bens, a partilha dos resultados e a responsabilidade solidária sobre os possíveis ônus. Envolve diversos tipos de organizações coletivas: empresas autogestionárias ou recuperadas (assumidas pelos trabalhadores); associações comunitárias de produção; redes de produção, comercialização e consumo; grupos informais produtivos de segmentos específicos (mulheres, jovens, etc.); clubes de trocas, etc. Na maioria dos casos essas organizações coletivas agregam um conjunto grande de atividades individuais e familiares.
- b) **Autogestão:** os/as participantes das organizações exercitam as práticas participativas de autogestão dos processos de trabalho, das definições estratégicas e cotidianas do empreendimento, da direção e coordenação das ações nos seus diversos graus e interesses, etc. Os apoios externos, de assistência técnica e gerencial, de capacitação e assessoria, não devem substituir nem impedir o protagonismo dos verdadeiros sujeitos da ação.
- c) **Dimensão Econômica:** é uma das bases de motivação da agregação de esforços e recursos pessoais e de outras organizações para produção, beneficiamento, crédito, comercialização e consumo. Envolve o conjunto de elementos de viabilidade econômica, permeados por critérios de eficácia e efetividade, ao lado dos aspectos culturais, ambientais e sociais.
- d) **Solidariedade:** o caráter de solidariedade nos empreendimentos é expresso em diferentes dimensões: na justa distribuição dos resultados alcançados; nas oportunidades que levam ao desenvolvimento de capacidades e na melhoria das condições de vida dos participantes; nas relações que se estabelecem com o meio ambiente, expressando o compromisso com o meio ambiente sustentável; nas relações que se estabelecem com a comunidade local; na participação ativa nos processos de desenvolvimento sustentado da base territorial, regional e nacional; nas relações com os outros movimentos sociais e populares de caráter emancipatório; na preocupação com o bem estar dos trabalhadores e consumidores; e no respeito aos direitos dos trabalhadores e trabalhadoras.

Os princípios de economia solidária são importantes para definir o funcionamento de empresas solidárias no Brasil. O respeito desses princípios pela Associação Agrícola de Junqueirópolis é avaliado no capítulo seguinte.

### **3. Análise da Associação Agrícola de Junqueirópolis**

As associações cooperativas e o trabalho coletivo, como é o exemplo da Associação Agrícola de Junqueirópolis, faz parte do espectro relacionado ao universo da economia solidária, uma vez que neles há uma visível e presente solidariedade interna e não existe apropriação individual do lucro.

#### **3.1. Descrição da Associação**

A idéia da Associação Agrícola de Junqueirópolis surgiu da necessidade comum dos proprietários rurais do município. Os seguidos problemas com suas culturas, principalmente o café, trouxeram graves problemas aos agricultores e grandes dificuldades para a população rural.

Frente às dificuldades de comercialização de seus produtos, um grupo de pequenos produtores resolveu se organizar e, em 25 de junho de 1990, fundou a Associação Agrícola de Junqueirópolis. Fortalecidos pela cooperação, buscaram novos caminhos para a diversificação, introduzindo novas culturas no município, tais como pimenta, batata doce, coco anão, uva fina de mesa, dentre outras.

A busca pela diversificação levou os produtores a introduzir a cultura da acerola, que iniciou em 1991. Essa cultura, até então desconhecida no município, era realizada a partir de mudas obtidas com sementes, o que resultou num produto desuniforme com grande variabilidade de tamanho de fruto, coloração, produtividade das plantas, teor de vitamina C e tolerância ao ataque de nematóides.

Os produtores da Associação Agrícola de Junqueirópolis passaram a selecionar as plantas cujas características dos frutos eram as exigidas pelo mercado. Os produtores começaram a produzir mudas em viveiro próprio por meio de estaquia, processo que garante a permanência das características genéticas das plantas-mãe.

Descoberta a variedade hoje produzida, batizada de ‘Olivier’, e com total aceitação do mercado, surgiu a necessidade de investimentos em câmaras-frias, que garantem condições adequadas para o transporte dos frutos em grande distância, sem haver comprometimento da qualidade. Em 2007, a Associação

Agrícola de Junqueirópolis conta com quatro câmaras-frias, com capacidade de congelamento e armazenamento de cem toneladas de frutos.

Com uma produção inicial, em 1995, de cento e cinquenta toneladas e expansão da cultura, pesquisas em parceria com a Coordenadoria de Assistência Técnica Integral – CATI – e Universidades da região, permitiram elevar a produtividade anual de 30 para 75 kg por planta. O plantio que antes se resumia em quinze mil plantas agora se encontra com quarenta mil plantas em produção.

A produção na safra 2004/2005 foi de duas mil e duzentas toneladas. Em 2005/2006 houve uma redução para duas mil e cem toneladas em virtude da queda do dólar que reduziu a demanda para exportação. Para a safra 2006/2007 a previsão é de duas mil e oitocentas toneladas.

Com o padrão de qualidade alcançado por meio da associação com a CATI, com as Universidades da região e do trabalho em conjunto entre os membros da Associação, o produto conquistou grande fatia do mercado, elevando o município de Junqueirópolis ao terceiro lugar em produção de acerola no Brasil e primeiro no Estado de São Paulo. A cultura hoje se expande por toda a região da Nova Alta Paulista (Oeste do Estado de São Paulo), garantindo às famílias de pequenos produtores rurais a permanência na atividade e a melhoria de sua qualidade de vida.

No mês de Abril de 2007, a renda média mensal dos associados, apenas com a produção da acerola, foi de R\$1.700,00. Procura-se trabalhar com o produto ‘in natura’, para evitar o congelamento. A acerola sai da propriedade, passa pela associação e segue, no mesmo dia, para São Paulo. O produto é congelado apenas quando é remetido para regiões mais distantes. Em Maio de 2007 a associação vendeu a acerola à R\$ 0,65 o quilo ‘in natura’ e R\$ 0,80 congelada.

A maioria dos clientes da associação são empresas produtoras de suco, existindo também empresas que vendem a fruta ou a poupa. A Associação trabalha atualmente com dez grandes empresas localizadas em São Paulo, Minas Gerais, Paraná, Goiás, Rio Grande do Sul e Mato Grosso.

O mercado externo valoriza o teor de vitamina C do fruto. Desta forma, as pesquisas têm por objetivo melhorar ainda mais o fruto produzido. A variedade ‘Olivier’ foi desenvolvida pela própria associação e é a que tem melhor produtividade e aceitação no mercado, tanto nacional como internacional. Essa variedade possui um teor de mil e quatrocentos miligramas de vitamina C por cem gramas de polpa.

### 3.2. Aspectos de Solidariedade

Na implantação da nova cultura foram estipulados três dias da semana para a colheita da acerola: segundas, quartas e sextas. Em cada um destes dias, os produtores de um bairro são responsáveis pelos trabalhos de pesagem, carregamento e armazenagem dos produtos colhidos pela totalidade dos associados em suas respectivas propriedades. Como cada bairro é responsável das atividades de pesagem, carregamento e armazenagem um dia por semana, todo mundo participa da totalidade de atividades da Associação.

Frente ao aumento de produção, houve a necessidade de estender para todos os dias da semana a colheita da acerola. O aumento da frequência de colheita visou aproveitar melhor a mão-de-obra disponível, que diminuiu substancialmente com a chegada da cultura da cana-de-açúcar. Mesmo com a necessidade da extensão dos dias de colheita, o embarque continua sendo realizado em apenas três dias da semana.

O encontro semanal regular entre os produtores da Associação é de grande importância, uma vez que durante a espera para descarregar sua colheita o produtor encontra uma oportunidade para conversar com os demais associados, o que propicia a troca e disseminação de informações e experiências. Segundo Tauile (2002): “faz-se também necessário o desenvolvimento, por parte dos próprios membros dessa rede, de mecanismos de comunicação e rotinas de relacionamento que sirvam tanto para estimular e facilitar a interação regular cotidiana entre essas empresas como para apoiar processos de decisão”. Grande parte dos proprietários rurais e agricultores de Junqueirópolis são descendentes dos imigrantes europeus que chegaram ao país em substituição da mão-de-obra escrava. Essa origem semelhante permite a identificação de uma cultura comum entre eles.

A venda em comum entre os associados evita que o produtor tenha grandes prejuízos em caso de inadimplência por parte de uma empresa ou cliente, perdas no transporte do produto ou no seu armazenamento, etc., uma vez que esses prejuízos, quando ocorrem, são diluídos entre todos os associados. Em cada carregamento são enviados produção de várias propriedades. Caso ocorra algum dos problemas citados, a perda de cada produtor é minimizada. Essa prática pode ser definida

como de responsabilidade solidária sobre os possíveis ônus, indispensável para o sucesso de uma cooperativa.

Chama a atenção a marcante participação feminina em algumas atividades da associação. Há onze anos, quinze agricultoras criaram a Associação Agrícola Feminina. Esse grupo descobriu que o excedente da produção de suas propriedades poderia se transformar em uma fonte de renda. Foram desenvolvidas receitas de licores, coquetéis, bolos, geléias, musses e até mesmo a ‘acerolada’, doce inspirado na goiabada. Todas as sextas-feiras a Associação Feminina monta uma barraca na feia livre da cidade para vender seus produtos. A comercialização desses produtos viabiliza a produção e comercialização dos subprodutos da acerola.

Outra atividade feminina é a realização de festividades e confraternizações em datas especiais, tais como dia dos pais, dia das mães, festa junina, entre outras, colaborando assim para a manutenção do espírito de união e de amizade entre as famílias dos membros.

### **3.3. Agentes e Organizações de Apoio**

Existem algumas parcerias em termos de pesquisas e consultorias (apoio técnico e de formação) fundamentais para o aprimoramento dos membros da associação, tais como:

- UNESP de Ilha Solteira – na área de fitopatologia (doenças) e de fruticultura (manejo da planta com diferentes sistemas de poda);
- APTA (Agência Paulista de Tecnologia dos Agronegócios) Regional de Adamantina – pesquisas relacionadas à variedade;
- SEBRAE + IBRAF (Instituto Brasileiro de Frutas) – projeto de desenvolvimento sustentável da cultura da acerola;
- USP/USALQ de Piracicaba – pesquisas relacionadas aos custos de produção;
- UNESP de Botucatu – pesquisas de possíveis produtos e subprodutos da acerola;
- SEBRAE (por meio do projeto Ecologia Aplicada) – pesquisas de boas práticas agrícolas na cultura da acerola.

Tais parcerias e os resultados das pesquisas delas decorrentes são fundamentais para o aprimoramento constante das práticas de produção e das características do produto.

A parceria com os vários órgãos de pesquisa e apoio introduz e aprimora tecnologias, como também incentiva às boas práticas agrícolas obtendo-se, ao final, um produto com qualidade. O consumidor não busca apenas um produto com ótima cor e sabor, exige garantias da não utilização de agrotóxicos e a produção dentro das especificações legais. Tais garantias são comprovadas por meio de selos de certificação emitidos por empresas especializadas.

Outra grande parceira da Associação Agrícola é a Prefeitura Municipal de Junqueirópolis, que disponibiliza três agrônomos, dois técnicos agrícolas, um médico veterinário e diversos equipamentos, máquinas e implementos agrícolas. A prefeitura cedeu para uso da associação o ‘Armazém Comunitário’ de mil e quatrocentos metros quadrados onde estão instaladas as quatro câmaras frias da associação e onde é realizado o carregamento dos caminhões que realizam o transporte do produto.

São preocupações e objetivos das parcerias o aprimoramento e ampliação de capacidades por parte dos associados, como os projetos de desenvolvimento sustentado da cultura da acerola em parceria com o SEBRAE e o IBRAF e as pesquisas relacionadas à diversificação de variedades produzidas em parceria com a APTA. O desenvolvimento de capacidades requer novos níveis de flexibilidade, porquanto seus resultados são frequentemente intangíveis e seu processo é em geral um esforço confuso, complicado e de longo prazo (LOPES, 2005).

Atualmente, uma das grandes preocupações da associação se refere à necessidade de diversificação da variedade de espécies, uma vez que o município produz apenas um tipo de acerola, a ‘Olivier’, desenvolvida na Comunidade.

### **3.4. Estrutura da Associação**

A estrutura da Associação Agrícola de Junqueirópolis conta hoje com um prédio-sede de 375 metros quadrados, um terreno que serve de depósito de implementos e quatro câmaras-frias para congelamento da produção, com capacidade de congelamento e armazenamento de cem toneladas de frutos. Todos

esses bens estão legalmente registrados em nome da Associação. Esta contratou também dois funcionários com registro em carteira que cuidam da comercialização da produção dos associados e demais trabalhos burocráticos. A contratação destes funcionários teve como objetivo profissionalizar a área de comercialização da produção da Associação, fazendo com que cada associado pudesse dedicar-se exclusivamente à produção, sem se preocupar com questões burocráticas.

A Associação possui um Estatuto Social com os direitos e deveres dos membros. Desde a criação da associação, houve quatro casos de expulsão de membros, todos eles em razão de descumprimento do estatuto.

A Associação procura investir na formação técnica dos produtores, necessária para a transição do plantio de café para a fruticultura. Investiu-se também na formação humana com palestras sobre saúde, motivação e outros temas de interesse dos membros e diretamente ligados com a preocupação com o ser humano, como nos princípios da economia solidária.

A associação conta com oitenta e cinco associados, sendo que os produtores de acerola são aproximadamente setenta agricultores. De cada associado é cobrada uma mensalidade de R\$10,00 e cada produtor repassa 10% do valor total da venda de seu produto para o custeamento das atividades da Associação, dentre as quais a manutenção das câmaras frias e o salário dos funcionários.

Devido à importância da acerola na economia do município, houve uma mudança no nome e na data de realização da maior festa do município. De EXAPI (Exposição Agroindustrial de Junqueirópolis) para ACERUVA (Exposição da Acerola e da Uva) e de Junho para Outubro em razão do início da safra da acerola. A ACERUVA possui um papel fundamental na divulgação da variedade produzida no município, que, até então, era desconhecida no mercado.

Uma vez por mês acontece a assembléia ordinária, onde os membros, de maneira democrática, exercitam as práticas participativas de autogestão dos processos de trabalho e das definições estratégicas e cotidianas das atividades e projetos da Associação. Em cada assembléia acontece a prestação de contas da parte financeira, a leitura da ata da assembléia anterior, debates e votação sobre a necessidade de compra de novos equipamentos ou novos investimentos, comunicação de informações importantes ao bom desenvolvimento dos trabalhos no campo, além da troca de conhecimento e experiências entre os membros.

### 3.5. Perfil dos Associados / participantes

A maioria dos associados são pequenos e médios proprietários rurais, que possuem apenas o primeiro grau. Porém, existem aqueles que têm segundo grau e, alguns, curso superior. Os associados com terceiro grau são, aproximadamente, 5% do total.

Segundo Dias (2007), presidente da Associação:

À medida que as pessoas se organizam, todos ganham porque cada um coloca o seu conhecimento, o que tem de melhor, à disposição. Em meu caso, tenho somente quatro anos de escola. Para suprir as deficiências, há uma boa equipe, com qualidades e habilidades diferentes das minhas. Quem participa de uma associação deve dar o melhor de si, da sua essência, do seu tempo, da sua experiência de vida. O dinheiro não é o diferencial, mas o capital de experiência à disposição de todos.

O sucesso de qualquer forma de economia solidária está intimamente relacionado aos membros que dela fazem parte. No caso da proposta de organização de um setor, os resultados são diretamente condicionados à qualidade do empenho dos atores interessados e a predisposição e capacidade de articulação destes. Esse tipo de cooperação está chamando a atenção de vários pesquisadores em todo o mundo, pela possibilidade de geração de emprego e de assegurar um desenvolvimento sustentado (CASAROTTO FILHO, 2001).

Uma das grandes preocupações da associação, em relação ao futuro, é a média de idade dos associados que é alta e com poucas perspectivas de renovação, pois alguns dos filhos dos produtores preferem mudar para a cidade em busca de estudo, emprego e melhores condições de conforto.

### 4. Resultados e discussões

A Associação Agrícola de Junqueirópolis pode ser considerada um exemplo de sucesso da Economia Solidária, uma vez que proporcionou condições para que os proprietários rurais não só encontrassem uma forma de se manter no campo,

como trouxe alternativas econômicas com a cultura da acerola. Hoje a renda média de cada produtor de acerola do município é de R\$1.700,00.

A Associação Agrícola de Junqueirópolis tem uma preocupação contínua em atender a um dos anseios do produtor rural: a garantia da comercialização e de preço compensador. Esse trabalho é facilitado pelo associativismo que já garantiu um nicho de mercado e a viabilização da produção para produtores mesmo com baixo volume de produção.

Nos trabalhos cotidianos dos associados são facilmente identificados atributos relacionados à Economia Solidária, tais como:

- Cooperativismo: intensa participação e dedicação ao grupo;
- Autogestão: decisões tomadas democraticamente em assembleias, por todos os membros da Associação, sem distinção de tamanho e de produção;
- Dimensão econômica: não existe apropriação individual do lucro. Cada produtor recebe de acordo com o produto que entrega e a participação entregue a Associação é integralmente investida nela;
- Solidariedade: ajuda mútua e forte solidariedade interna entre os membros. A Associação pratica também a responsabilidade solidária sobre os benefícios e perdas da produção, com distribuição entre todos os membros de acordo com a produção.

Três fatores podem ter influenciado no êxito do associativismo e dos princípios da Economia Solidária entre os produtores de acerola de Junqueirópolis: os vínculos fortalecidos pela origem comum dos produtores, na sua maioria descendente de imigrantes europeus; os problemas em comum enfrentados até o início da década de 1990, decorrência da crise da produção cafeeira; e as atividades similares praticadas por todos, em razão de tratar-se de pequenos proprietários rurais.

O exemplo de sucesso apresentado neste trabalho demonstra a importância do associativismo e da economia solidária na melhora e aprimoramento das condições e dos padrões de vida da população brasileira, especialmente no meio rural. A adoção dos princípios de economia solidária colabora com a manutenção da população no campo, reduzindo o êxodo rural e suas conseqüências econômicas e sociais. Estima-se que a população do município tenha deixado de diminuir e, pela

estimativa da prefeitura, a ser confirmada pelo censo 2007, o número de habitantes deve aumentar de dezessete para dezoito mil este ano.

## 5. Considerações Finais

Um objetivo que os associados devem buscar, com a ajuda das organizações de apoio, é o desenvolvimento de novas variedades de acerola que possam se adaptar as características do município. A dependência de apenas uma variedade pode causar sérios problemas. Atualmente há no município, graças a uma parceria com a EMPRAPA, a produção em caráter experimental de mais quatro tipos de variedade. Porém, a variedade ‘Olivier’, desenvolvida no município, ainda é a que oferece maior segurança aos proprietários.

As parcerias realizadas com organismos de apoio são importantes para o desenvolvimento da Associação. No entanto, é importante ressaltar que, ao contrário de muitos empreendimentos solidários no Brasil, a Associação é totalmente independente desses organismos e consegue sua sustentação principalmente do mercado e do apoio da Comunidade.

Deve-se planejar atividades e projetos que possam incentivar a manutenção e interesse das novas gerações nas propriedades rurais para a indispensável renovação dos produtores e, conseqüentemente, dos membros da associação. No Brasil, a tendência de esvaziamento do meio rural é cada vez maior. No censo de 2000, menos de 20% da população era considerada rural. Em regiões mais industrializadas, como é o caso do Estado de São Paulo, esses números são ainda menores, chegando a 6,6% (MARTINELLI e JOYAL, 2004).

É possível afirmar que com a melhora das condições de vida no campo e o aumento de renda, proporcionados pelo cooperativismo, já começa haver uma valorização da vida rural e os jovens já passam a ver a permanência e a manutenção das propriedades como uma opção interessante.

Os associados devem buscar condições para colocar em execução o projeto de montar uma agroindústria que atenda a demanda regional de processamento de frutas, agregando valor ao produto e possibilitando a busca de novos mercados, o que poderia aumentar ainda mais a rentabilidade da produção de acerola.

A busca por novas variedades adequadas ao solo e clima da região é fundamental para afastar uma das maiores ameaças a produção local, que é o trabalho com apenas uma variedade de acerola. Já a busca por novos negócios e mercados, como é o exemplo do projeto de uma agroindústria, demonstra que os associados estão preocupados em ampliar e melhorar ainda mais a qualidade e as possibilidades de seus negócios.

### **Referências Bibliográficas.**

BROSE, Markus, **Fortalecendo a democracia e o desenvolvimento local: 103 experiências inovadoras no meio rural gaúcho.** Santa Cruz o Sul: EDUNISC, 2000.

CASAROTTO FILHO, Nelson. **Redes de pequenas e médias empresas e desenvolvimento local: estratégias para a conquista da competitividade global com base na experiência italiana.** São Paulo: Atlas, 2001.

DIAS, Osvaldo. A força do associativismo. **Revista Frutas e Derivados.** São Paulo: IBRAF, v. 2, n. 5, mar., 2007a., p. 36.

FERREIRA, Cândido Guerra. **A economia popular solidária em Belo Horizonte: um estudo exploratório.** Texto de discussão n. 255. Belo Horizonte: UFMG/Cedeplar, 2005.

GAIGER, Luiz Inácio. A economia solidária e o projeto de outra mundialização. **Revista de Ciências Sociais.** Rio de Janeiro, v. 47, n. 4, 2004a., p. 802.

LOPES. Carlos. **Cooperação e desenvolvimento humano: a agenda emergente para o novo milênio.** São Paulo: Editora UNESP, 2005.

MARTINELLI, Dante Pinheiro. JOYAL, André. **Desenvolvimento local e o papel das pequenas e médias empresas.** Barueri: Manole, 2004.

OLIVEIRA, Luciana Vargas Netto. **Economia solidária e conjuntura neoliberal: desafios para as políticas públicas no Brasil.** Dissertação (Mestrado). Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2005.

POCHMANN, Mário (organizador). **Reestruturação produtiva: perspectiva de desenvolvimento local com inclusão social.** Petrópolis: Vozes, 2004.

SÁ, Carlos Augusto Ferreira. **Economia Solidária em Mato Grosso do Sul: desafios e possibilidades.** Monografia (Especialização). Campo Grande: UNAES, 2005.

---

TAUIDE, José Ricardo. Do socialismo de mercado à economia solidária. **Revista Economia Contemporânea**. Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, jan./jun., 2002a., p. 119.